

Capítulo 8 - DOI:10.55232/1083002.8

**AFRO EMPREENDEDORAS E SEUS DESAFIOS:
DIFICULDADES ENFRENTADAS PELAS MULHERES
NEGRAS NA ÁREA DO EMPREENDEDORISMO**

Clarisse De Fatima Da Silva Hilario, Elaine Ribeiro Sigette e Janara Puchulate De Moraes

RESUMO: Este artigo aborda as dificuldades enfrentadas pelas empreendedoras negras. Os desafios enfrentados pelas mulheres empreendedoras incluem, entre outros, o machismo estrutural encontrado em algumas áreas específicas e as questões de ordem social e de gênero com a sobrecarga das atividades femininas. No caso das empreendedoras negras, os desafios incluem além das questões de gênero o preconceito estrutural relativo à raça. Com o arcabouço teórico que elenca os principais problemas enfrentados pelos empreendedores, foram realizadas entrevistas com microempreendedoras negras da cidade de Volta Redonda que possuem seus negócios voltados para o resgate da cultura afrodescendente. A carência de estudos científicos específicos que sistematizem a questão, incentiva a contribuição desta investigação localmente. Desta forma, este estudo pretende refletir sobre este assunto, com as perguntas de como acontece o empreendedorismo formal negro feminino? Quais relações podem ser traçadas sobre este assunto a partir dos recortes de raça e gênero? Propõe através da revisão bibliográfica e análise de banco de dados oficiais, dar atualidade ao tema. Utiliza como metodologia e método, a entrevista e a análise do discurso. Esta pesquisa pretende expandir a compreensão destas análises contribuindo com a área, na investigação dos aspectos que abordam a desigualdade social somando-se as dificuldades típicas enfrentadas pelas empreendedoras.

Palavras-chave: afroempreendedorismo; empreendedorismo feminino; empreendedorismo negro; identidade; microempreendedorismo.

INTRODUÇÃO

A atividade do empreendedorismo negro no Brasil é carregada de questões históricas que podem impactar, muitas vezes, na produtividade de seus empreendedores e precisam ser investigadas de forma situada. (NASCIMENTO, 2018). Especificamente, quando o recorte tange as questões de gênero, com as mulheres negras representando 28% da população brasileira.

Dado que as pesquisas mostram que as mulheres possuem as menores rendas das pessoas ativas economicamente (IBGE, 2020; PEREIRA, SANTOS & BORGES, 2005); em geral, atuam em cargos mais baixos hierarquicamente (PEREIRA, SANTOS & BORGES, 2005); gastam mais tempo com afazeres domésticos e cuidados com filhos (IBGE, 2018), possuem as maiores taxas em trabalhos informais e/ ou com jornadas excessivas de trabalho, como por exemplo, empregos domésticos (IBGE, 2020; PEREIRA, SANTOS & BORGES, 2005) , este cenário de desigualdade nos leva a analisar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras na área empreendedora.

A hipótese é que elas sofram com questões relacionadas ao preconceito de gênero e de raça que impactam de maneira negativa seus negócios. Para verificar tal suposição, foram realizadas entrevistas com uma amostra de microempreendedoras negras da cidade de Volta Redonda que possuem seus negócios voltados para o resgate da cultura afrodescendente.

A hipótese citada é reforçada pelo fato de a mulher negra estar exposta a uma dupla discriminação, tanto pela cor da pele quanto pelo gênero em uma sociedade reconhecidamente machista e patriarcal (IPEA, 2003). Isto ocorre ainda que a Constituição Federal de 1988 (Art. 3º, inciso IV) ampare a todos os cidadãos independentemente de origem, raça, sexo, cor e qualquer outra forma de discriminação.

A Lei também criminaliza a prática do racismo no Código Penal. Apesar destas medidas, o Brasil ainda figura como um dos países onde o racismo estrutural está muito presente nas esferas da sociedade, sendo de difícil enfrentamento por apresentar um histórico de negação que traz como consequência a impunidade. (ROSA, 2014)

De acordo com Silva & Saldanha (2020):

Até recentemente, o Brasil não reconhecia a existência das desigualdades e da discriminação racial, sendo um preconceito velado e, por causa disso, o Estado se manteve omissivo frente às injustiças e exclusão resultantes delas. Ressalta-se que, somente com o advento da Constituição da República Federativa do Brasil no ano de 1988, o racismo, em suas variadas manifestações, foi legalmente criminalizado, visando o combate de práticas como essas.

A carência de estudos científicos específicos que sistematizem a questão, incentiva a contribuição desta investigação.

Desta forma, pretende-se refletir sobre como acontece o empreendedorismo formal negro feminino localmente. Quais relações podem ser traçadas sobre este assunto a partir dos recortes de raça e gênero? Serão utilizados como fontes (secundárias) as bases de dados do MEI (portal do Microempreendedor Individual) e entrevistas semiestruturadas com uma amostra de afroempreendedoras da cidade de Volta Redonda, para compor e alinhar o cenário do empreendedorismo feminino negro neste local.

De maneira mais detalhada, serão observadas as dificuldades típicas da atividade empreendedora encontrada na literatura no empreendedorismo negro feminino como: a falta de capacitação; o excesso de burocracia; a tributação exacerbada e o medo do fracasso (SIQUEIRA, NUNES & MORAIS, 2018).

Seguindo esta linha, este estudo também irá tentar traçar o perfil das empreendedoras negras entrevistadas seguindo uma tipologia detalhada mais adiante (Dornelas, 2015). Com isso, pretende-se expandir a compreensão deste assunto contribuindo um pouco mais com a área do empreendedorismo, na investigação dos aspectos que abordam a desigualdade social somada as dificuldades típicas enfrentadas pela empreendedora negra.

O artigo está organizado em seis seções com esta introdução. A segunda seção realiza o levantamento bibliográfico com a abordagem dos conceitos de empreendedorismo e as referências dos estudos a serem observados, o empreendedorismo negro como resgate cultural e o empreendedorismo feminino negro como resistência. A terceira parte refere-se ao método e à metodologia com a explicação dos instrumentos de

coleta e aplicação dos conceitos. A quarta parte traz o resultado da coleta das entrevistas com as microempendedoras negras. A quinta parte compreende a análise dos dados coletados e a sexta e última parte é a conclusão do trabalho.

REVISÃO DA LITERATURA

Empreendedorismo

A definição de empreendedorismo foi modificada com o passar das décadas e tem assumido um caráter mais amplo através das contribuições dos diversos campos, como demonstrado a seguir:

O empreendedorismo, teve como marco inicial os pequenos negócios que se destacaram nos anos de 1920, mas tomou corpo e uma definição mais apropriada na década de 70. Nos anos 80, o tema atravessou fronteiras e passou a figurar nas ciências humanas e gerenciais, atraindo o interesse de organizações e estudiosos de várias áreas que já buscavam inovações, despertar de criatividade e outras características” (FILION, 1999 apud LOPES, 2017, p. 51)

Schumpeter, economista conhecido pelas primeiras teorias sobre empreendedorismo, defendia que o ato de empreender estava diretamente ligado ao ato de inovar, ou seja, criar algo novo (que poderia ser um método, serviço ou produto) promovendo o fenômeno da destruição criativa, que segundo Yoguel, Barletta & Pereira (2013) nada mais é que a substituição de algo já consolidado no mercado por algo inovador, necessário ao desenvolvimento do capitalismo.

Empreendedorismo é o comportamento ou processo para iniciar e desenvolver um negócio, em resumo, é a criação de valor através do desenvolvimento de uma organização (PEREIRA, 2012).

Corroborando esse pensamento, o Global Entrepreneurship Monitor (GEM) também apresenta um conceito mais amplo do assunto: O empreendedorismo não precisa ser necessariamente a criação de um negócio inovador, mas sim o desenvolvimento de todo e qualquer tipo de empreendimento, independente do seu tamanho (GEM, 2018).

Os dados mais atualizados pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas sobre empreendedorismo, registraram 19.228.025 empresas formalizadas no Brasil (SEBRAE, 2020). Esse número considerável de empreendedores vem despertando cada vez mais o interesse por pesquisas e estudos nesse segmento. Um desses estudos associa automaticamente o empreendedorismo às micro e pequenas empresas (SANTOS, 2017). Tal associação e importância também se dá devido a essas empresas representarem 90% dos negócios do país (SEBRAE, 2020).

No portal do MEI, o empreendedorismo é um processo voltado à aplicação de habilidades e competências no desenvolvimento de empreendimentos, que por sua vez está associado ao termo empreender, que significa realizar, fazer ou executar (PORTAL DO MEI, 2022). Neste contexto, o empreendedor é aquele indivíduo que possui aptidão para o negócio, bem como, normalmente, enxergar possibilidades que outras pessoas não conseguiriam perceber facilmente.

Aqueles que empreendem, ou seja, os perfis empreendedores, costumam ter características em comum; em geral são criativos, têm facilidade para inovar, são persistentes, trabalhadores, sabem aproveitar as oportunidades, não desistem facilmente, são sonhadores, gostam do que fazem, são inquietos, planejam seus passos e estão sempre de olho no futuro. Normalmente empreendem por umas das razões: motivação ou necessidade (PEREIRA, 2012).

O GEM (2018) esclarece que os empreendedores por motivação, também chamados de empreendedores por oportunidade, são aqueles indivíduos que encontraram alguma oportunidade de negócio vantajosa para investir. Ao contrário dos empreendedores por necessidade que empreendem justamente porque não encontraram uma alternativa para gerar renda. No Brasil, há mais indivíduos empreendendo por oportunidade do que por necessidade na proporção de 2 indivíduos empreendendo por oportunidade para 3 empreendendo por necessidade.

Segundo Lopes (2017), o ensino do empreendedorismo é apontado como um processo de desenvolvimento de habilidades e atitudes, trabalhando o seu aprendizado nos diferentes níveis de ensino, porém com ênfase no ensino superior.

Nesse sentido, Dornelas, em seu livro “*Empreendedorismo na Prática*” (2015), classifica em oito os tipos de empreendedores encontrados, conforme mostra o quadro 1.8.

As classificações propostas pelo autor desenham perfis possíveis para os empreendedores de uma forma geral, apesar de que as habilidades colocadas nas descrições dos perfis possam ser ensinadas e treinadas.

Quadro 1. 8 Tipos de empreendedores

Tipo de empreendedor	Características
O Empreendedor Nato (Mitológico)	Pessoas que começaram a empreender muito jovens, trazendo em sua essência tato para os negócios desde cedo, influenciados por valores religiosos e/ou familiares.
O Empreendedor que aprende (Inesperado)	Aquele indivíduo que depois de analisar sua rotina de trabalho, se viu insatisfeito ou sem saída, decidiu mudar de vida e recomeçar abrindo um negócio.
O Empreendedor Serial (Cria Novos Negócios)	Pessoa que tem por objetivo criar negócios e vencer desafios. Gosta de empreender em negócios diversos às vezes ao mesmo tempo. Mesmo com histórico de fracassos passados, não desiste de arriscar e acredita nas oportunidades. Quando o empreendimento alcança o sucesso, segue para outro projeto.
O Empreendedor Corporativo	São geralmente executivos exemplares, muito conceituados que tem por objetivo crescer dentro da organização. Esse tipo de empreendedor pode não ter sucesso se decidir abrir um negócio próprio, tendo em vista ter se acostumado com a rotina da vida corporativa.
O Empreendedor Social	Seu objetivo não é ganhar dinheiro e sim contribuir de forma positiva e obter bons resultados em causas sociais e humanitárias em benefício do desenvolvimento das outras pessoas.
O Empreendedor por Necessidade	Pessoas que perderam o emprego ou estão desempregadas há muito tempo e necessitam urgentemente de uma renda. São pequenos empreendedores que por necessidade, podem desenvolver negócios informais, com pouco retorno financeiro e sem contribuição para municípios e estados.
O Empreendedor Herdeiro (Sucessão Familiar)	Pessoa cujo tipo de empreendimento passa de geração para geração. Esse empreendedor aprendeu desde cedo o segredo do negócio da família e seu objetivo é multiplicar o patrimônio sob sua responsabilidade.
O “Normal” (Planejado)	É o empreendedor que estuda o negócio (riscos e oportunidades) antes de desenvolvê-lo e não abre mão de um bom planejamento. Pode ser considerado o exemplo mais completo de empreendedor.

Fonte: Dornelas (2015)

A tipologia aponta características que serão observadas na análise do empreendedorismo feminino negro, principalmente em relação ao tipo mais frequente encontrado na amostragem que será estudada através das entrevistas realizadas.

Empreendedorismo negro

Diferente de outros países, de forma lamentável, os primeiros vínculos de trabalho dos negros no Brasil foram através da escravidão. A escravidão, neste sentido, desenhou há época as relações econômicas, políticas, sociais e culturais da trajetória dos afrodescendentes. A escolha pela abordagem histórica resgata este início das relações dos afroascendentes e seus primeiros vínculos de trabalho, não estabelecendo uma ligação direta entre o antes e o depois, mas observando as novas construções que vieram a partir daí.

No século XVI, a população africana era considerada inferior em relação à raça, religião, economia e até capacidades intelectuais, e devido à necessidade de mão-de-obra para produção agropecuária, brancos donos de terra se aproveitaram destes motivos e iniciaram o processo de escravidão de imigrantes negros. (NASCIMENTO, 2018)

Santos (2017) nos relembra que mesmo após a abolição da escravatura com a assinatura da Lei Áurea em 1888, por falta de políticas públicas, os descendentes de africanos se viram sem muitas alternativas a não ser trabalhar de formas desumanas às custas de baixos salários, ou virarem vendedores ambulantes, feirantes etc. Dívida histórica que é um dos fatores de desigualdade nos tempos atuais, pois apesar de hoje haver políticas como cotas raciais nas universidades, a renda média da população negra é consideravelmente mais baixa do que a renda média dos brancos; e ainda não se vê, por exemplo, tantos negros em cargos de prestígio social. Importante acrescentar que os afrodescendentes possuem a menor taxa da formação de ensino superior completo da população brasileira. (IBGE, 2019)

Neste cenário, o empreendedorismo aparece como uma saída, onde o negro, sem muita oportunidade, decide trabalhar por conta própria (empreendedor por necessidade segundo a classificação de Dornelas, 2015), em busca de melhores condições de vida. O afroempreendedorismo veio então, segundo Santos (2017), como uma grande chance de carreira que possibilita a inserção do negro no mercado de trabalho em locais de destaque, independente da área. O autor também enfatizou em seu artigo “*Uma escuta a afroempreendedores: meandros e as interfaces do empreendedorismo de pessoas negras*” que, há muito tempo, os empresários e profissionais negros procuram formas de ajudar a comunidade afro a se desenvolver economicamente, e que nesse processo foi

constatado que muitos viviam na informalidade, e que devido à falta de capacitação e experiência nos negócios, muitos projetos fracassaram, mas serviram de experiência e motivação para os projetos que estavam por vir.

Nascimento (2018) no artigo “*Afroempreendedorismo como estratégia de inclusão socioeconômica*” menciona o fato da história do negro no Brasil ser marcada pelo racismo e um processo de extinção da cultura africana através da sobreposição da cultura europeia valorizada no país. Diante disso, a definição de afroempreendedorismo compreenderia uma das estratégias de resistência e luta dos negros para vencer a vulnerabilidade econômica e social. Luta reforçada pela criação de Instituições de apoio como o CACE (Centro de Assessoramento e Coordenação Empresarial), em 1988 na cidade de São Paulo, extinta em 1991. No ano de 1995, foi criada a ANCEABRA (Associação Nacional dos Coletivos de Empresários) e os CEABRAS (Coletivos de Empresários e Empreendedores Afro-brasileiros) com representação territorial em 10 estados brasileiros. Lojas colaborativas (Collab), coletivos de afroempreendedores e institutos se espalharam por todo país. No entanto, o afroempreendedorismo ganhou destaque nacional somente a partir da pesquisa “*Os donos do negócio do Brasil*”, feita em 2013 pelo Sebrae.

Os termos afroempreendedorismo, empreendedorismo negro ou empreendedorismo afro-brasileiro são sinônimos no sentido de serem negócios liderados por pessoas autodeclaradas pretas ou pardas (NASCIMENTO, 2018). De maneira divergente a este entendimento, o *Coletivo Das Pretas*, coloca que afroempreendedorismo e empreendedorismo negro não são a mesma coisa. Para o instituto, o afroempreendedorismo é o ato de desenvolver um negócio voltado para a produção e oferta de serviços relacionados à valorização da identidade africana, tipo de negócio que apesar de estar em todo país, pode ser encontrado mais facilmente nos estados da Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Maranhão. Já o empreendedorismo negro seria um termo geral usado para definir negócios dirigidos por pessoas negras, independente do ramo.

Apesar dos avanços referentes à representatividade, existem dificuldades na busca por produtos com o nicho específico de cultura africana onde afroempreendedores enxergaram uma oportunidade de negócio (NASCIMENTO, 2018). Segundo o mesmo

estudo, muitos consideram que o mercado entre pessoas negras, entendido como “a troca de serviços e produtos que valorizam etnicidade afro-brasileira e a formação de uma rede de empregabilidade entre empreendedores negros são formas de ativismo contra o racismo”, ou seja, a prática de consumo entre o afroempreendedor e sua clientela, “vai além de uma simples troca comercial. Por meio dessa transação compartilha-se símbolos, visões de mundo, autoafirmação, estilo de vida e posicionamento político contra o racismo entranhado no cotidiano.”

Empreendedorismo feminino negro

De modo geral, quando se imagina um empreendedor, o que vem à mente é um homem, branco, com qualidades superiores relacionadas à capacidade de iniciativa ou inovação (COLBARI, 2007 apud NASCIMENTO, 2018). E quando se reflete a questão das mulheres, historicamente, há menos de duzentos anos eram consideradas propriedade de seus maridos, não podiam frequentar escolas e não tinham direito ao voto. Ainda hoje, as mulheres possuem renda inferior à renda do homem mesmo com desempenho e produtividade equivalente, deflagrando uma prática machista estrutural por parte das organizações.

Ao observar os privilégios definidos pelo gênero e a raça, como exemplo, o homem branco estaria no topo de uma pirâmide por sua condição de raça e gênero. No centro estariam os homens negros por sua condição de gênero. Compondo a pirâmide, estariam a mulher branca, oprimida por seu gênero e privilegiada por sua raça e a mulher negra sem nenhum privilégio, entretanto duplamente oprimida estaria na base:

Nós, mulheres negras sem qualquer “outro” institucionalizado que possamos discriminar, explorar ou oprimir, muitas vezes temos uma experiência de vida que desafia diretamente a estrutura social sexista, classista e racista vigente, e a ideologia concomitante a ela. Essa experiência pode moldar nossa consciência de tal maneira que nossa visão de mundo seja diferente da de quem tem um grau de privilégio (mesmo que relativo, dentro do sistema existente). (HOOKS, 2015)

A capacidade empreendedora, no entanto, não estaria definida pelo gênero e pela raça, estaria definida pela educação. Contudo, devido às dificuldades históricas enfrentadas pelas minorias, o empreendedorismo se tornou um sistema voltado

especificamente para o público masculino e caucasiano. (SIQUEIRA, NUNES & MORAIS, 2018) Atualmente, o retrato do microempreendedorismo brasileiro revela que em relação ao gênero, os homens lideram 57% dos negócios. Dividindo a população em raças, os microempreendedores negros lideram com 48%, sendo 47% brancos e 5% demais raças ou não declarantes (SEBRAE, 2019). Porém, mesmo tendo uma grande participação na área do empreendedorismo são os que ganham menos. Esta ocorrência é replicada às mulheres negras. (SIQUEIRA, NUNES & MORAIS, 2018)

Dados do IBGE comprovam que as mulheres dedicam mais tempo do que os homens aos afazeres domésticos e cuidados do lar, em especial as mulheres negras. E essa é apenas uma das dificuldades:

O caminho a ser percorrido em direção à igualdade de gênero, ou seja, em um cenário onde homens e mulheres gozem dos mesmos direitos e oportunidades em todas as dimensões aqui analisadas, ainda é longo para as mulheres e ainda mais tortuoso se esta for preta ou parda e residir fora dos centros urbanos das Regiões Sul e Sudeste. (IBGE, 2018)

Siqueira, Nunes & Morais (2018) acreditam que o tempo dedicado aos cuidados domésticos pelas mulheres negras somados ao fato de que a população negra feminina possui baixos níveis de escolaridade é o que torna mais difícil a participação desse público no mercado empreendedor. A carência de estudos específicos sobre o empreendedorismo feminino negro foi o que chamou a atenção e aguçou a curiosidade para a elaboração deste artigo. Para alguns autores, a falta de informações se deve ao fato de os negócios liderados por mulheres negras serem em boa parte atividades informais:

Um dos aspectos que dificulta a obtenção de dados precisos sobre o empreendedorismo da mulher negra no Brasil se deve aos índices de informalidade contemplados por essas mulheres na contemporaneidade. A mulher negra se vê diante de um cenário desfavorável e sofre com a falta de informação sobre as possibilidades de formalização de sua atividade empreendedora, mantendo-a na informalidade e, por conseguinte, longe dos dados angariados pelos institutos de pesquisa. (SIQUEIRA, NUNES & MORAIS, 2018)

Porém há históricos de casos de sucesso de afro empreendedorismos femininos formais. Sarah Breedlove, por exemplo, conhecida pelo nome de casada, a qual registrou sua marca Madame C. J. Walker, apesar de um início de vida sofrido, tornou-se a primeira mulher negra a enriquecer por conta própria nos Estados Unidos. Filha de pessoas

escravizadas, nascida em 23 de dezembro de 1867, foi a primeira dos irmãos a nascer livre. Trabalhou como lavadeira, cozinheira e agente de vendas de produtos farmacêuticos e de beleza; serviços sempre mal remunerados, o que a incentivou a trabalhar por conta própria. Iniciou então experimentos de fórmulas capilares para problemas de calvície e depois de muitos testes chegou ao resultado de um produto em forma de pomada, o qual ela também ensinava como aplicar. Em 1908, sua marca já estava consolidada, possuía agentes de venda em todo o sul e leste dos Estados Unidos. Em 1910, transferiu a então sede da indústria Madam CJ Walker Manufacturing Company para Indianópolis atraída pela próspera comunidade empresarial negra presente neste local. Com o passar dos anos, continuou a desenvolver seu negócio viajando pelo país e oferecendo oportunidades de carreira e independência econômica para milhares de afro-americanas cujo destino seria trabalhos como faxineiras, cozinheiras, lavadeiras e serviços agrícolas. Em 1913, seu negócio tornou-se internacional com a venda de produtos no Caribe e na América Central e em 1919 a empresa já contava com 25.000 agentes de vendas. Sarah morreu em 25 de maio de 1919 em Nova York, deixando o legado da sua marca e ajudas filantrópicas a associações de proteção e desenvolvimento à comunidade negra. (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, INC.)

Um exemplo brasileiro similar é o caso da Zica; autora do empreendimento Beleza Natural; empresa de produtos e serviços voltados para cabelos cacheados, crespos e ondulados. O negócio nasceu da constatação de que faltava no mercado produtos que atendessem às mulheres com tais tipos de cabelo que queriam optar por usar produtos químicos neles, mas de forma a não alterar a estrutura dos fios. Heloísa Assis, a Zica, desde a década de 70 pesquisava entre cursos e experimentos um produto específico para os cabelos tipo afro que não os descaracterizassem, chegando à fórmula do Super-relaxante, seu carro chefe até hoje. Em 1993, fundou, no Rio de Janeiro, o primeiro salão com a ajuda de mais três sócios que acreditaram no empreendimento inovador, cujo diferencial seria atender os clientes por um método semelhante à linha de montagem, ou seja, cada funcionário desempenharia apenas uma etapa do processo de tratamento, trazendo agilidade ao serviço e a possibilidade de atendimento em massa. Dois anos mais tarde, o salão já contava com duas filiais. Em 2004, foi inaugurada a fábrica própria. Em 2011, Zica foi eleita uma das dez mulheres mais poderosas do Brasil pela revista Forbes e escolhida como empreendedora do ano pelo jornal Estadão PME. Muitos foram os investimentos em pesquisa e desenvolvimento que a rede conta com 38 institutos

distribuídos pelos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia; cerca de 2000 colaboradores e uma média mensal de 130.000 clientes. (PORTAL BELEZA NATURAL)

METODOLOGIA

Este artigo é de natureza exploratória e utiliza a pesquisa qualitativa, com a coleta das informações através do levantamento bibliográfico e da pesquisa de campo; o primeiro por haver referências teóricas relacionadas ao assunto e o segundo pelas entrevistas realizadas.

Em relação às referências teóricas, o tema ainda é pouco explorado, não havendo tantos artigos que pudessem somar à essa pesquisa. No Portal Periódico Capes, foi possível encontrar artigos relacionados através do filtro de pesquisa avançada “identidade” e “negros”. No Portal Google Scholar foram utilizadas as palavras-chave “afroempreendedorismo” e “empreendedorismo negro”. Os portais do GEM, MEI e Sebrae forneceram dados secundários oficiais sobre a área. Foi utilizado também o conteúdo da disciplina Empreendedorismo Governamental do CEDERJ (Centro de Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro) para fundamentação teórica sobre a área do empreendedorismo.

Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas com empresárias mulheres, autodeclaradas pretas, cujo empreendimento está em atividade há mais de um ano na cidade de Volta Redonda e apresenta características do subgrupo de empreendedores cujo produto ou serviço resgatem a identidade africana. Trata-se de uma amostra por disponibilidade de microempreendedoras negras regionalmente conhecidas por seus negócios e/ ou que participam de algum coletivo presente na cidade.

As entrevistas foram individuais, presenciais ou virtuais, e seguiram um roteiro semiestruturado. Inicialmente as entrevistadas contaram a trajetória de seus negócios e em seguida foram submetidas à algumas perguntas que auxiliaram na mensuração de resultados (GIL, 2002). Os dados de coleta pontual que ajudaram a caracterizá-las foram: 1.idade; 2.escolaridade; 3.rendimento médio mensal; 4.idade com que começou a

trabalhar; 5. tempo na atividade atual; 6. carga horária de trabalho e também autodeclaração de raça; 7. porte do negócio e número de empregados. Em seguida, as perguntas abordaram os seguintes macro contextos (PEREIRA, 2012): 1. maiores dificuldades enfrentadas; 2. pontos positivos encontrados; 3. motivos pelos quais começou a empreender; 4. conhecimento de projetos de incentivo.

Os dados coletados das entrevistas foram agrupados em quadros para uma melhor visualização e analisados conforme o método da análise do discurso (SILVA & ARAÚJO, 2017) com a identificação dos sujeitos, suas falas e significados, contextualizados através do sentido ideológico refletindo o racismo e o machismo que enfrentam.

ENTREVISTA

A coleta de dados foi realizada entre os meses de março e abril de 2021. As microempreendedoras assinaram um termo que autoriza a gravação e transcrição de seus relatos para esse artigo. A sequência está na ordem em que foram entrevistadas. Seus nomes foram preservados.

Entrevistada 1

A primeira entrevistada tem um salão em Volta Redonda conhecido por ser especializado em tranças africanas. É microempreendedora individual, formada em história. Tem 33 anos e há 4 anos abriu o salão, que lhe rende em média 5 mil reais por mês a uma carga horária de 60 horas semanais. Possui curso técnico em administração e curso profissionalizante em secretariado; faz cursos de especialização do ramo e pretende cursar empreendedorismo.

Vinda de uma família miscigenada, aprendeu a trançar muito jovem cuidando do próprio cabelo e do cabelo das mulheres da família. Mas essa não foi sua primeira fonte de renda. Seu primeiro emprego formal foi aos 16 anos. A empreendedora já trabalhou como promotora de vendas, agente de posto de saúde e assistente administrativa.

Iniciou seu negócio com o valor das verbas rescisórias do último emprego e em sociedade com outra trancista. Encerrou a sociedade e abriu um salão no quintal da avó para diminuir as despesas. Porém, o aumento da demanda fez com que ela alugasse uma sala comercial no bairro e depois transferisse o empreendimento para o centro da cidade. Todavia, devido à gestação e dificuldade em conciliar maternidade e negócio, tomou a decisão de fechar o salão temporariamente. “Mulher negra empreender já é difícil. Agora mulher negra e mãe! A gente tem algumas limitações...” Relata. Quando se sentiu segura, reabriu o salão, mas retornando para o bairro, por ser mais próximo da família que poderia ajudar com a filha pequena.

A entrevistada cita as multifunções como microempreendedora: é ela quem cuida da parte financeira, do marketing, da limpeza do salão e atende às clientes.

Atualmente, com o crescimento da demanda, a proprietária do Salão divide o espaço com mais duas microempreendedoras individuais que também atuam como trancistas.

Ela destaca como principais dificuldades as jornadas triplas como mãe, dona de casa e empresária; bem como a falta de incentivo financeiro e motivacional, e resistência do público ao novo formato de salão estético direcionado especificamente para valorizar cabelos crespos: “Se tivesse um incentivo financeiro... Porque desde sempre a gente tem esse atraso financeiro, de estudo, esse bloqueio de ir pra frente, de crescer, justamente pela questão da credibilidade, do medo e dos mitos.” Relata.

Como pontos positivos, a entrevistada cita o lucro e a sensação de realização de poder trabalhar por prazer e por sua ideologia, que lhe trazem crescimento pessoal e profissional. Segundo ela, “ninguém empreende só por dinheiro”, “eu não empreendi por necessidade, foi por amor mesmo”. A entrevistada acrescentou aos pontos positivos, os benefícios do MEI como, por exemplo, licença maternidade e licença para tratamento de saúde, apesar de considerar que há falhas no sistema e burocracia exagerada nos processos de requerimento.

Entrevistada 2

A segunda entrevistada é gestora pública estadual, trabalha em uma escola como coordenadora cultural e sua renda é de 1750,00 reais por mês. É também presidente do Coletivo, um grupo informal que atua na capacitação de mulheres. Tem 48 anos e 2º grau de formação. Seu primeiro emprego foi aos 15 anos como vendedora.

Sua trajetória como incentivadora da comunidade negra na região começou há mais de 30 anos, quando aceitou o convite para ministrar um curso de Manequim para crianças e jovens negros na cidade. Contudo, sua carreira foi destacada pela criação de uma feira, evento que reúne atrações culturais, músicas, moda afro e palestras. Desse evento surgiu em 2017 o Coletivo, cujas integrantes são empreendedoras negras que participam da feira.

O Coletivo busca capacitar mulheres do sul fluminense em negócios que resgatem a identidade africana e já impulsionou várias iniciativas como, o curso de corte e costura dentro de um Terreiro de Candomblé; estética e elaboração de peças com retalhos de tecido dentro de um Quilombo e a incubadora de moda afro ofertada pelo Sebrae.

A entrevistada relata que as maiores dificuldades que as afroempreendedoras do coletivo enfrentam são relacionadas à concessão de crédito, conciliar o negócio com os estudos e tarefas do lar e ao preconceito com religiões de matriz africana.

Nunca houve casos gritantes, mas sempre tem racismo, pois o Brasil é um país racista, com racismo velado que é nojento, pois vem nas pequenas frases, no momento da cliente comprar o produto (...) Eu tive uma discussão dentro da OAB com uma advogada que questionou o nome da Feira e o objetivo maior ser empoderar mulheres negras. (Entrevistada 2)

Entrevistada 3

A terceira entrevistada foi a dona de um salão especializado em cabelos crespos. É microempreendedora individual, possui curso profissionalizante de cabeleireira e curso de história trancado. Tem 31 anos e há 6 formalizou o ofício de trancista abrindo o salão, que lhe rende em média 3 mil reais por mês a uma carga horária de 50 horas semanais. Seu primeiro emprego formal foi aos 16 anos como vendedora em uma loja de sapatos. Já trabalhou como jovem aprendiz e operadora de caixa, porém vinda de uma família de

trancistas, tranças africanas sempre foi um *hobbie* e devido às dificuldades financeiras, tornou-se a única renda familiar.

Para alavancar os negócios, resolveu se arriscar e alugar uma sala comercial para realizar o serviço que antes era feito em domicílio e em sua própria casa. “A gente sempre fez no nosso quintal e agora a gente trouxe para a rua”. Relata. Contudo, sem capital, utilizou o cartão de crédito da mãe para comprar móveis e equipamentos de segunda mão, e para divulgar o negócio, panfletou folders pessoalmente nos pontos mais movimentados da cidade.

No salão, trabalham mais 3 outras microempreendedoras pretas que realizam serviços diversos de estética e pagam apenas um valor simbólico pelo aluguel do espaço. “Eu fui um suporte para elas começarem os seus negócios”.

Para ela, o ponto positivo do negócio é poder cuidar das mulheres pretas, por outro lado, sente dificuldade em alavancar o negócio em relação a questões de preconceito, justamente por ser uma jovem mulher preta. Algumas memórias compartilhadas no ato da entrevista foram, por exemplo, ser questionada sobre a ausência do marido no momento de fechar um contrato de imóvel, ser criticada sobre o nome fantasia do negócio, ser julgada como preconceituosa por não realizar alguns serviços específicos para alisamento capilar, racismo pelo motivo de no salão só trabalharem pretas retintas, descredibilidade do público que acreditam que o salão existe apenas por necessidade de renda. “As pessoas acham que por sermos prestadoras de serviço nós não temos uma qualificação, que nós somos pessoas leigas, sem formação política, alienadas e é o contrário! Nós somos muito politizadas.” Relata.

A entrevistada que teve que fechar seu empreendimento por cinco meses durante a pandemia e apesar de contar com a ajuda de bancos privados, acredita que o MEI é a única garantia do pequeno empreendedor e incentiva outras pretas a terem autonomia e autoestima, por meio do salão e de projetos sociais.

Entrevistada 4

É representante de loja de Moda Afro. Tem 34 anos e é Pós-graduada em Gestão Financeira. Começou a trabalhar aos 14 anos e desde então teve várias experiências no comércio local. Atualmente, trabalha como operadora de caixa em uma cervejaria, sua principal renda.

O negócio é formado por três mulheres pretas: uma costureira, uma sócia responsável pelas finanças e a entrevistada, sócia responsável pelo marketing e vendas. A loja ainda está na informalidade. Abriu há dois anos e seu carro chefe são roupas africanas sob medida que lhe rende em média 3 mil reais por mês. Sua sede é em uma *Collab* na Afro Rua (Mercado Popular inaugurado em 2019 na cidade de Volta Redonda). Porém suas principais vendas são pela internet, com clientes nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, surpreendentemente, em sua maioria brancos, pois segundo a entrevistada, são os que mais possuem poder aquisitivo para comprar as peças, que mesmo colocando lucro mínimo têm o valor acima da média por conta da qualidade do material e do custo com o fornecedor do tecido. A loja faz parte do Coletivo que as preparam e ajudam a ganhar visibilidade no mercado.

A entrevistada, assim como sua sócia, possui outra ocupação, pois a loja ainda não oferece retorno financeiro viável que supra suas necessidades. Esses empregos tomam boa parte do tempo que poderia ser investido no empreendimento, relata. Sendo assim, suas maiores dificuldades são obter capital necessário para formalizar a marca e encontrar fornecedores mais próximos para diminuir o custo; além do preconceito que enfrentam por serem um negócio gerenciado por mulheres pretas.

A gente resolve empreender para ter uma segunda renda, não é algo que vem da nossa família, porque geralmente, você vê que o pai já tinha um negócio e o filho continua o negócio do pai dele e vai seguindo uma linha reta; o negro busca um sonho, uma segunda renda, mas isso não vem do nosso histórico familiar, e eu acho que vem disso a dificuldade da gente conseguir se manter no mercado, porque é muito difícil. Todo mundo do coletivo, incluindo a gente, tem outro emprego, na verdade nós temos um primeiro emprego e a loja ou o artesanato é uma segunda opção, a gente ainda não consegue viver disso. (Entrevistada 4)

Apesar das dificuldades, diz que ainda insiste no negócio pelo sonho de prosperar trabalhando para si mesma:

Eu não quero um emprego de carteira assinada, eu quero ser dona do meu negócio, eu quero poder gerar empregos. Eu e minha sócia temos o mesmo pensamento e hoje a gente caminha muito devagar, conforme nossos passos permitem, mas nosso objetivo principal é gerar emprego! Eu preciso que minha loja gere emprego para pessoas pretas que vão olhar que é possível e vão querer ter o próprio negócio. (Entrevistada 4)

Entrevistada 5

A última entrevistada foi a proprietária de uma loja de roupas voltada para o público negro. Tem 31 anos, possui cursos de molde e moda, é mestre em Pesquisa Avançada em Análises Clínicas, porém sempre sonhou em ter uma loja de roupas. Seu primeiro emprego foi aos 15 anos como vendedora; também já trabalhou como professora de informática, analista de laboratório e operadora de caixa.

Iniciou seu negócio com o valor das verbas rescisórias do último emprego, revendendo roupas compradas no Brás (bairro comercial de São Paulo), e atualmente a loja vende peças exclusivas, de fabricação própria, as quais ela mesma desenha e vende por um preço popular, atendendo todos os biotipos. Negócio que lhe rende em média 2 mil reais mensais. A loja possui 7 anos e há 4 foi registrada no MEI, porém fechou diversas vezes por falta de retorno financeiro, o que levou a empreendedora a buscar outros caminhos.

Atualmente, além da loja, a entrevistada também tem um salão especializado em tranças africanas que chega a atender até dez clientes por dia. “Muitas pessoas dizem pra eu fechar a loja e me dedicar só às tranças, pois é o que me dá retorno mais rápido, mas a loja é meu sonho e eu não consigo fechar”, relata.

Ela não possui sócios e nem empregados. Desse modo, toda a administração e processo de criação é feita por ela, com exceção do corte e costura que é terceirizado e dos modelos negros contratados para posarem usando suas roupas.

A mesma foi questionada diversas vezes por sua preferência em só contratar pessoas negras. Porém, ela defende que é somente por questões de identidade.

Eu sempre convivi com pessoas brancas. No mestrado eu era uma das poucas negras que tinham na turma e o tempo inteiro eles me falavam que não era para

eu estar ali. Até no dia da minha defesa, todo mundo elogiando o meu trabalho, minha orientadora olhou para o meu cabelo na foto e disse: Nossa você colocou a foto com esse cabelo!? Eu vejo muito potencial, muita gente boa sendo negada; gente que tem potencial e acredita que não tem, principalmente mulheres pretas. (Entrevistada 5)

A entrevistada diz que ser registrada como MEI não trouxe benefícios para a loja e que poderia haver mais subsídios aos microempreendedores e facilidade na adesão a empréstimos bancários.

Apesar das dificuldades financeiras, ela citou como lado positivo, a satisfação no processo de transformar matérias primas em peças e o aprendizado que recebeu através dos projetos do Coletivo e do Sebrae.

ANÁLISE DOS DADOS

De forma a facilitar a demonstração dos resultados, os dados coletados nas entrevistas estão organizados em tabelas, conforme abaixo:

Tabela 1. Informações gerais de uma amostra das microempreendedoras negras de Volta Redonda

Entrevistada	1	2	3	4	5
Autodeclaração de raça/ cor	Negra/preta	Negra/preta	Negra/preta	Negra/preta	Negra/preta
Idade	33 anos	48 anos	31 anos	34 anos	31 anos
Idade com que começou a trabalhar	16 anos	15 anos	16 anos	14 anos	15 anos
Escolaridade	Ensino superior	Ensino médio	Ensino médio	Especialização	Mestrado
Tipo de negócio	Serviços orientados para o consumidor	Serviços orientados para o negócio	Serviços orientados para o consumidor	Indústria de transformação	Indústria de transformação
Ramo do Negócio	Salão de beleza especializado em tranças africanas	Planejamento e realização de eventos afro culturais	Salão de beleza especializado em público da raça negra	Fabricação e venda de roupas afro	Fabricação e venda de roupas para o público de raça negra

Porte do negócio	Microempresa	Microempresa	Microempresa	Microempresa	Microempresa
Rendimento médio mensal	R\$5.000,00	R\$1.750,00	R\$3.000,00	R\$3.000,00	R\$2.000,00
Tempo na atividade	4 anos	30 anos	6 anos	2 anos	7 anos
Carga horária semanal	60h	60h	50h	64h	64h
Número de empregados contando com a entrevistada	1	1	1	3	1

Autoria própria (2021)

Através da consolidação dos dados extraídos das entrevistas realizadas, chega-se ao fato de que a média etária de uma amostra das afroempreendedoras da cidade de Volta Redonda é de 35 anos. É um perfil de mulheres que começaram a trabalhar antes dos 18 anos e possuem negócios ainda em estágios iniciais. Os ramos dos negócios corroboram a pesquisa realizada pelo Sebrae (2017) que identifica como principais atividades de microempreendedoras do estado do Rio de Janeiro, as funções de (a) cabeleireira; (b) serviços de organização de feiras, congressos, exposições e festas; (c) confecção de peças de vestuário; (d) outras atividades de tratamento de beleza; (e) comércio varejista de artigos de vestuário e acessórios.

Tabela 2. Educação de uma amostra das microempreendedoras negras de Volta Redonda

Entrevistada	1	2	3	4	5
Formação/ área	Ensino superior/ História	Ensino médio/ Formação Geral	Ensino médio/ Formação Geral	Especialização/ Gestão Financeira	Mestrado/ Análises Clínicas
Noções administrativas	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Curso profissionalizante relacionado ao negócio	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Autoria própria (2021)

Em relação ao estudo, todas possuem noções administrativas, cursos específicos da área de atuação de seus negócios e a maioria tem formação superior.

Tabela 3. Situação do negócio de uma amostra das microempreendedoras negras de Volta Redonda

Entrevistada	1	2	3	4	5
Rendimento médio mensal	R\$5.000,00	R\$1.750,00	R\$3.000,00	R\$3.000,00	R\$2.000,00
Formalização	MEI	Informal	MEI	Informal	MEI

Autoria própria (2021)

A maioria dos negócios são formalizados como MEI, cuja renda mensal é de 3 mil reais. As entrevistadas acreditam que a formalização do MEI traz segurança ao empreendedor, mas deveria possuir mais benefícios aos microempresários que os ajudassem a crescer, conforme tabela 4.

Apesar de não se queixarem de tributações exacerbadas, conforme Siqueira, Nunes & Moraes (2018) observou em seus estudos, as afroempreendedoras desta pesquisa mencionam as dificuldades vinculadas ao excesso de burocracia citada pelo autor, principalmente no momento de contratar empréstimos ou dar entrada em benefícios sociais.

Tabela 4. Motivação e dificuldades de uma amostra das microempreendedoras negras de Volta Redonda

Entrevistada	1	2	3	4	5
Motivo que a fez empreender	Sonho em ser dona do próprio negócio	Causa social	Necessidade	Sonho em ser dona do próprio negócio	Sonho em ser dona do próprio negócio
Pontos positivos	Lucro Realização pessoal	Realização pessoal	Realização pessoal	Realização pessoal	Realização pessoal
Maiores dificuldades enfrentadas	Tripla jornada da mulher	Tripla Jornada da mulher	Falta de incentivo financeiro	Falta de incentivo financeiro	Falta de incentivo financeiro

	Falta de incentivo financeiro	Falta de incentivo financeiro	Preconceito de raça	Preconceito de raça	Preconceito de raça
	Preconceito de raça	Preconceito de raça	Preconceito de gênero	Preconceito de gênero	Preconceito de gênero
	Preconceito gênero	Preconceito gênero			
		Preconceito de cunho religioso			
Conhecimento de projetos de incentivo	Não	Sim	Sim	Sim	Sim

Autoria própria (2021)

Segundo a classificação de Dornelas (2015), as entrevistadas 1, 4 e 5 são empreendedoras que aprendem, pois iniciaram seus negócios provocadas pelo desejo de serem donas do próprio negócio; a entrevistada 2 é uma empreendedora social, pois sua meta não é lucro e sim a capacitação e desenvolvimento das afroempreendedoras as quais ajuda em seus projetos e a entrevistada 3 é uma empreendedora por necessidade, pois sua maior motivação ao empreender foi o desemprego.

Neste processo de empreendedorismo, todas citaram o preconceito por ser mulher preta e falta de incentivo financeiro como principais barreiras ao alcance do sucesso dos negócios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se considerar que as questões que impactam o afroempreendedorismo feminino são as mesmas que impactam o empreendedorismo de forma geral. Porém com o adendo das dificuldades enfrentadas por dois grupos distintos: população negra e a população feminina.

Em relação ao empreendedorismo negro brasileiro, ele passou por muitas transformações. A mudança no modo do negro negociar sua presença na sociedade vem ganhando espaço: o empreendedor negro trabalha ainda em modo de sobrevivência,

porém pode através de suas práticas oferecer serviços que são motivo de orgulho e representatividade. Pode-se indicar que, historicamente, o início do empreendedorismo negro foi informal. A motivação para empreender era prioritariamente a necessidade de sobrevivência com a geração de uma pequena renda. A maioria dos empreendimentos realizados por negros, porém, na atualidade indicam motivações mais diversificadas e uma preocupação com a formalização. Em resumo, o empreendedorismo formal negro surgiu da necessidade de compor a renda que depois foi substituída pelo desejo de autonomia financeira.

Sobre o empreendedorismo feminino, constata-se através dessa pesquisa de campo que as características gerais do perfil empreendedor estão presentes na amostragem. Um exemplo é a ratificação de que as ocupações mais comuns entre as microempreendedoras são relacionadas à moda, estética e eventos. E que, de maneira geral, enxergam uma oportunidade para empreender que não está relacionada à necessidade e sim à insatisfação com o emprego ou propósito de aumentar a renda, motivos característicos do empreendedor que aprende (ou por motivação).

Esse empreendedorismo por motivação pode ser estendido às mulheres negras, porém elas percorrem um caminho mais longo se comparado aos homens brancos, aos homens negros e até à mulheres brancas para obterem sucesso, devido a fatores únicos aplicados como o preconceito de raça e gênero e a descredibilidade.

Relacionando essas questões à análise dos dados, podemos observar que ainda há uma longa estrada de lutas feministas pela frente, pois as barreiras do machismo e do racismo estrutural continuam a impactar nos negócios de mulheres negras, pois tais barreiras são difíceis de serem detectadas e, conseqüentemente, difíceis de serem punidas. As mulheres pretas enfrentam situações que prejudicam as mulheres em geral, situações de racismo que atingem homens e mulheres pretos e pretas; e também situações de preconceito específicas que atuam, unicamente, sobre mulheres pretas, como questões relacionadas à sexualidade, como nos mostra Lélia González (LIMA & RIOS, 2020). Todo esse contexto prejudica a captação de novos clientes e conseqüentemente o aumento da renda, o que acentua a desigualdade e permanência ativa dos negócios, bem como a criação de novos empreendimentos. Percebe-se também como barreiras a serem

enfrentadas a ausência de incentivos financeiros, que são raros ou vêm através de excesso de burocracia.

É importante observar que este estudo foi baseado em pesquisas de gêneros e raças segundo a classificação do IBGE, fontes secundárias. Porém, não despreza a importância da segmentação por identidade e cor, onde, nesses casos, pretos e pardos são tratados de forma heterogênea.

Esse trabalho não se esgota, mas deixa a sua contribuição e incentivo para que novos estudos sobre a temática sejam realizados. Se possível, de maneira mais ampla e com dados quantitativos primários; para que, futuramente, as pesquisas revelem de forma satisfatória o aumento de afroempreendedoras no país.

REFERÊNCIAS

DORNELAS, José. Empreendedorismo na Prática – Mitos e Verdades do Empreendedor de Sucesso. 3º edição, 2015. Cap. 2 – páginas 11 a 16

GEM. Empreendedorismo no Brasil. Relatório Executivo, 2018.

GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4º edição. São Paulo, Editora Atlas S/A 2002.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. Revista Brasileira de Ciência Política, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210.

IBGE. Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica n.38, 2018.

IBGE. Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica, 2020.

IPEA. Programa Igualdade de Gênero e Raça, 2003.

LIMA, Márcia; RIOS, Flávia. Por um feminismo afro latino-americano. 1º edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LOPES, Brenner (org.). Pequenas Empresas: Empreendedorismo e Gestão - Volume 1 - 1ª Edição. Belo Horizonte: Poisson, 2017

NASCIMENTO, Eliane Quintiliano. Afroempreendedorismo como estratégia de inclusão socioeconômica. III Seminário de Ciências Sociais - PGCS UFES. 12 a 14 de novembro de 2018, UFES, Vitória-ES

NASCIMENTO, Eliane Quintiliano. “Meu dinheiro tem cor!” Afroempreendedorismo brasileiro e identidade. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

PEREIRA, Iasmim. Empreendedorismo e Política: Uma Sociedade Inseparável. 2012. Disponível em: http://www.aedb.br/seget/artigos05/252_Empreendedorismo_e_politica.pdf

PEREIRA, Rosângela Saldanha; SANTOS, Danielle Almeida dos; BORGES, Waleska. A mulher no mercado de trabalho. Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2005.

PORTAL BELEZA NATURAL. Disponível em: https://www.belezanatural.com.br/institucional/sobre-nos?_ga=2.244838277.1026907063.1596917417-373440497.1596917417&_gac=1.87843178.1596917417.CjwKCAjwmrn5BRB2EiwAZgL9omajZaVdjFpqLCMYRqehhHoRzK3HvywBju_He6J7sjq-vnHm9FxxvxoCW4YQAvD_BwE. Acesso em 8 de ago. 2020.

PORTAL DO MEI. Disponível em: <https://www.portalmei.org/o-que-e-empreendedorismo/>. Acesso em 28 jul. 2020

TEIXEIRA, Lineker Gomes. Afroempreendedores: desafios e oportunidades para empreendedores negros no Distrito Federal. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

ROSA, Alexandre Reis. Relações raciais e estudos organizacionais no Brasil, 2014.

SANTOS, Lucas Vinícius Correa dos. Uma escuta a afroempreendedores: meandros e as interfaces do empreendedorismo de pessoas negras. 2017. 64 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SANTOS, Thainá Souza. O viajante afro-brasileiro: Enegrecendo o turismo. Trabalho de Conclusão de Curso - Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SEBRAE. Empreendedores fluminenses: uma análise recente sobre educação, renda e gênero. Nota temática, nº 48. Observatório Sebrae/RJ. novembro, 2017. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2019/03/Empreendedores-Fluminenses-uma-an%C3%A1lise-recente-sobre-educa%C3%A7%C3%A3o-renda-e-g%C3%AAnero.pdf>

SEBRAE. Os donos de negócio no Brasil, por regiões e por Unidades da federação. Série Estudos e Pesquisas. Setembro, 2013. Disponível em:

<https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/DN_regiao_unidades_federada%C3%A7%C3%A3o.pdf>

SEBRAE. Perfil do MEI. DataSebrae, 2019 Disponível em: <<https://datasebrae.com.br/perfil-do-microempreendedor-individual/#relatorios>> Acesso em 19 ago. 2021

SEBRAE. Painel de empresas. DataSebrae, 11 mai. 2020. Disponível em: <<https://datasebrae.com.br/totaldeempresas-11-05-2020/>> Acesso em 16 ago. 2021

SILVA, Jardel Marcos da; SALDANHA, Portilho. Racismo e injúria racial: formas distintas de discriminação, enraizadas no preconceito. Revista Jus Navigandi, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 25, n. 6351, 20 nov. 2020. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/86527>. Acesso em: 17 dez. 2021.

SILVA, Jonathan Chasko da Silva; ARAUJO, Alcemar Dionet de Araújo. A metodologia de pesquisa em análise do discurso. Grau Zero - Revista de Crítica Cultural, v. 5, n. 1, 2017

SIQUEIRA, Dirceu Pereira; NUNES, Danilo Henrique; MORAIS, Fausto Santos de. Identidade, reconhecimento e personalidade: empreendedorismo da mulher negra. EALR, V.9, nº 3, p. 229-242, setembro-dezembro, 2018

WALKER, Madam C.J. Encyclopaedia Britannica, Inc. 2020. <https://academic-eb-britannica.ez24.periodicos.capes.gov.br/levels/collegiate/article/Madam-CJ-Walker/75942>

YOGUEL, Gabriel; BARLETTA, Florencia; PEREIRA, Mariano. De Schumpeter a los postschumpeterianos: viejas y nuevas dimensiones analíticas. Problemas del desarrollo, vol.44 n.174 México jul./ set. 2013